

**INDÍGENAS EM “ROMANCE”:  
RE(A)PRESENTAÇÕES DO ÍNDIO EM FOLHETOS DE CORDEL ADAPTADOS DA  
LITERATURA ERUDITA**

Francisco Cláudio Alves MARQUES<sup>1</sup>  
Heloise Aparecida ZINA<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo propomos uma reflexão acerca dos procedimentos poéticos utilizados pelos poetas de cordel na construção de uma imagem idealizada do índio. Nos folhetos adaptados da literatura erudita, o índio é inserido em um contexto de luta com paradigmas ora emprestados do romance indianista ora do romanceiro popular. Por um lado, os poetas de cordel elaboram também a imagem de heróis que, ao lado de tantos outros, representam, no plano utópico, o desejo de desforra contra o poder instituído e de superação das adversidades do cotidiano. E, por outro, ao idealizar o índio e sua condição, acabam por camuflar ou ignorar a verdadeira situação vivida pelas comunidades indígenas no Nordeste brasileiro no início do século XX.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel. Literatura Brasileira. Indianismo. História dos Índios do Nordeste Brasileiro.

**INDIANS IN "ROMANCE" REPLAY OF THE INDIAN IN CORD LEAFLETS ADAPTED  
SCHOLAR LITERATURE**

**Abstract:** This article intends to show that, on the one hand, while building an idealistic image of the indian, inserting them into the context of flights and with paradigms proceeding both from the indian romance and the popular novel, the cord poets also come up with the image of heroes that, among many others, represent, on the imaginary plan, the desire of revenge against the institutional power, and overcoming the daily adversities. In addition, on the other hand, while idealizing the indian and their condition, they tend to make up or ignore the truth of the situation lived by the indian communities in the Brazilian Northeast.

**Keywords:** Literature of Cordel. Brazilian Literature. Indianism. History of the Indians of the Brazilian Northeast.

### Introdução

O índio que aparece no poema “Kreen-akarore” (1977), de Carlos Drummond de Andrade, não é mais o índio guerreiro e destemido de Alencar e Gonçalves Dias; é um índio ressabiado com o homem e com as falsas promessas de progresso e de paz:

Gigante que recusas  
encarar-me nos olhos,  
apertar minha mão  
temendo que ela seja  
uma faca, um veneno,  
uma tocha de incêndio;

<sup>1</sup> Professor de Língua e Literatura Italiana da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Assis. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, com estágio de Pós-doutorado pela Università degli Studi di Roma “La Sapienza”.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Assis. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; ZINA, Heloise Aparecida. Indígenas em “Romance”: re(a)apresentações do índio em folhetos de cordel adaptados da literatura erudita. In Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 04. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

gigante que me foges,  
 légua depois de légua,  
 e se deixo os sinais  
 de minha simpatia,  
 os destróis: tens razão. (ANDRADE, 2014, p. 19).

A desconfiança do índio de Drummond – provavelmente um krenakore do Mato Grosso ou do sul do Pará –, desconfiado e “medusado” de medo, é produto de séculos de batalhas pela preservação de suas terras, de enfrentamentos de doenças e políticas que o desfavoreceram em nome de uma civilização crescente.

Embora não trate especificamente da presença indígena no Nordeste, o livro *Os índios e a civilização* (1982), do antropólogo Darcy Ribeiro, realiza no capítulo “Os índios do Nordeste” uma retomada histórica sobre os processos de esbulhos das terras indígenas na Região. Ao tratar dos indígenas que habitavam no Sertão do São Francisco, Ribeiro (1982, p. 56) afirma que em função da expulsão dos seus territórios, os índios se dispersaram, de modo que podiam ser vistos, no início do século XX, “aos bandos que perambulavam pelas fazendas, à procura de comida”. Segundo o antropólogo, “vários magotes desses índios desajustados eram vistos nas margens do São Francisco” (1982, p. 56).

Segundo Beatriz Dantas et al (1992, p. 446), nos meados do século XIX elevava-se a mais de meia centena o número de aldeamentos indígenas espalhados pelas várias províncias nordestinas. Desses aldeamentos, observam as autoras, os viajantes europeus fizeram descrições enfatizando a decadência e a apatia das populações aldeadas, geralmente marcadas pelo conformismo e aceitação de um destino inexorável de aniquilamento. Assim descreve George Gardner o aldeamento da ilha de São Pedro, localizado à margem sergipana do baixo São Francisco:

O número de famílias que habitam a ilha chega a cerca de quarenta e são, em maior parte, índios civilizados. Na tarde de nossa chegada apresentei-me ao seu capitão [...]. Por ele soube que os índios da ilha estão diminuindo gradativamente seu número. Suspirou o velho ao dizer-me que não estava longe o dia em que sua raça estaria extinta ou, pelo menos, mesclada com outros habitantes. (GARDNER, 1975, p. 70 *apud* DANTAS et al, 1992, p. 447).

Referindo-se às comunidades indígenas nordestinas mais afastadas do litoral, Darcy Ribeiro relata:

Assim viviam os seus últimos dias os remanescentes dos índios não litorâneos do Nordeste que alcançaram o século XX. Estavam quase todos assimilados linguisticamente, mas conservavam alguns costumes tribais. Viviam ao lado de cidades que crescera em seus aldeamentos, sem fundir-se com eles. [...] simples resíduos ilhados num mundo estranho e hostil e tirando dessa mesma hostilidade a força de permanecerem índios. Pelo menos tão índios quanto compatível com sua

vida diária de vaqueiros e lavradores sem terra, engajados na economia regional (RIBEIRO, 1982, p. 56-57).

Ao discutir as “etapas da integração” por que passaram os índios do Nordeste, Darcy Ribeiro define como grupos “integrados”, no século XX, aqueles que se encontram “ilhados em meio à população nacional”, miscigenados e vivendo à margem da sociedade organizada ou dispersos, tendo, inclusive, perdido suas referências linguísticas e culturais:

Pela simples observação direta, ou com apelo à memória, seria impossível reconstruir, ainda que palidamente a antiga cultura. Muitos grupos nessa etapa haviam perdido a língua original, nesses casos, aparentemente, nada os distinguiu da população rural com que conviviam. Igualmente mestiçados, vestindo os mesmos trajes, talvez apenas um pouco mais maltrapilhos, comendo os mesmos alimentos, poderiam passar despercebidos se eles próprios não estivessem certos de que constituíam um povo e não guardassem uma espécie de lealdade étnica e se não fossem vistos pelos seus vizinhos como ‘índios’. Aparentemente, haviam percorrido todo o caminho da aculturação, mas para se assimilarem faltava alguma coisa imponderável – um passo apenas que não podiam dar. (RIBEIRO, 1982, p. 235).

A questão indígena no Nordeste vem sendo constantemente rediscutida em pesquisas acadêmicas nas áreas de Arqueologia e Sociologia. Arrolamos alguns desses trabalhos que, apesar de tratarem da condição indígena atual, acabam por fazer uma recuperação de dados históricos relativamente ao processo de dispersão das tribos indígenas nordestinas. A tese de Doutorado de Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (2003), por exemplo, trata do processo de dispersão dos índios Kambiwá e Pipipã, cujas terras estão situadas no sertão pernambucano. Tais indivíduos, segundo a autora, foram perdendo suas terras e se dispersando a partir do século XVII com a introdução da cultura do gado a fim de alimentar a população escrava e mover os engenhos da Bahia e Pernambuco. A partir daí, a “frente pastoril” encontrou os índios do sertão, contingente humano indesejável para o criador expansionista, que os dispensava como mão-de-obra e desejava suas terras. Segundo Souza (2003, p. 206), “Essa modalidade de expansionismo econômico necessitava de grandes extensões de terra, visando a ocupação efetiva do território em questão, expulsando os diversos grupos indígenas da região, que resistindo ao empreendimento pastoril, procuraram “ares de refúgio” nos brejos ou altos de serras próximas.” Uma vez expulsos, os Kambiwá foram obrigados a trabalhar fora dos limites de suas terras, empregando sua mão-de-obra em fazendas da região.

Por se tratar de indígenas da mesma região dos folhetos de cordel, a dissertação de Ivan Soares Farias (2004) tem uma certa importância para o nosso recorte pelo fato de colocar em discussão os dramas de saúde vividos pela tribo dos Geripankó, localizados atualmente na região do

baixo Moxotó, no sertão alagoano. Segundo Farias (2004, p. 12), os geripankós são os remanescentes de antigas tribos indígenas desaparecidas, e que hoje vivem em condições precárias, sem direito a terra e “desprovidos de forte contrastividade cultural”, isto é, “diversos povos adaptativamente relacionados à caatinga e historicamente associados às frentes pastoris e ao padrão missionário dos séculos XVII e XVIII.”

Já a dissertação de Karina Lima de Miranda Pinto (2013), estuda os sítios arqueológicos de Palmeira dos índios, Alagoas, onde os remanescentes dos índios Xucuru-Kariri buscam reconstruir sua identidade étnica. A autora rastreia a trajetória histórica da tribo nos fornecendo informações importantes para a compreensão da real situação vivida pelos indígenas nordestinos no início do século XX:

Os Xucuru-kariri seguem a trajetória dos grupos indígenas do Nordeste brasileiro na busca de direitos por legitimidade e no processo de reconstrução étnica, ocorrido a partir de meados do século XX. [...] Por muito tempo esses sujeitos foram discriminados e vistos pela sociedade civil e acadêmica como povos aculturados e sem sinais diacríticos que pudessem corresponder ao modelo proposto de como “ser índio”. O sujeito possuidor de traços étnicos diferenciados constituiu, por muito tempo, uma lembrança romântica do período colonial. (PINTO, 2013, p. 16)

Desajustados sociais ou mal assimilados nos novos ambientes socioculturais em que se encontram dispersos ou falsamente assimilados? Pretendemos responder parte dessas questões a partir do confronto entre folhetos de cordel produzidos no Nordeste brasileiro até a década de 1950, que trazem o índio como tema, e a historiografia sobre as comunidades indígenas existentes na Região entre o final do século XIX e início do XX. Poucos são os folhetos que tratam do assunto, e quando o fazem, geralmente repetem quase que integralmente a fórmula dos romances indianistas provavelmente lidos no Nordeste entre o final do século XIX e começo do XX. O mais intrigante é que os folhetos que trazem narrativas adaptadas da literatura do Romantismo fogem, em geral, à regra seguida pelos folhetos que adaptaram narrativas do romanceiro ibérico, por exemplo.

Tradicionalmente, quando os poetas de cordel tinham à sua frente uma história escrita, fosse ela popular ou erudita, tratavam de aproximar a história recontada à realidade, aos valores e crenças dos leitores ouvintes, os quais inscreviam suas histórias reais no texto narrado em verso. Câmara Cascudo (1978, p. 12) observa que “o poeta popular transforma o livro da cidade, do autor letrado em romance, romance na acepção clássica de adaptação e assimilação destinada a um certo ambiente social.” Os autores de textos de cordel denominam “romance” ou “obra feita” exatamente os folhetos com 24 ou mais páginas resultantes de recriações poéticas a partir de narrativas pertencentes à tradição escrita. Essa prática consiste na transformação do “livro da cidade” em

folheto, um gênero particular de “romance” adaptado a um ambiente social específico e colocado ao alcance do leitor/ouvinte, como faziam os primeiros autores medievais ao “traduzir” em língua vulgar os textos latinos:

A expressão *mettre en roman*, frequente no francês do século XII, designa o processo que permite atingir esse fim: operada por um indivíduo apenas arranhado pela cultura livresca, a *colocação em romance* tem por destinatário qualquer pessoa do meio cavaleiresco e nobre. (ZUMTHOR, 1993, p. 266).

“Romance” de cordel e “romance” medieval aproximam-se, por um lado, pela origem fundada na oralidade: “Romance, originariamente advérbio, provindo do latim *romanice*, refere-se ao vernáculo – portanto, de modo primário, ao oral”, embora na Idade Média os “romancistas” procurem sempre contrapor seus “romances” às narrativas disseminadas pelos contadores de histórias, que eles afastam com desprezo. E, por outro lado, pela ideia de “glosa”: “*Pôr em romance* é propriamente ‘glosar’ em língua vulgar, ‘pôr, clarificando o conteúdo, ao alcance dos ouvintes, ‘fazer compreender, adaptando às circunstâncias.’” (ZUMTHOR, 1993, p. 266-7). Assim fizeram poetas como José Galdino da Silva Duda ao adaptar para a literatura em verso a história de “madonna Zinevra”, do *Decameron* de Boccaccio. A protagonista do folheto *História de Bernardo Dona Genevra* é uma mulher casta que, no início da trama, é acusada de adultério, tendo que provar sua inocência ao longo de toda a narrativa. A história adaptada apresenta-se como uma espécie de cartilha da moral patriarcal, reforçando valores que devem ser seguidos pelas mulheres da comunidade:

Dona Genevra sabia  
Cortar, bordar e coser  
Finalmente era modista  
Tudo sabia fazer  
No lugar de cozinheira  
Não tinha mais que aprender.  
[...]  
Além disso era contrita  
Amante à religião  
Amava ao rico e ao pobre  
A todos dava atenção  
E remia os peregrinos  
Na sua tribulação. (DUDA, 2011, p. 1-2).

Na mesma medida Leandro Gomes de Barros apresenta os paladinos de França no folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, adaptado da *História de Carlos Magno*. Aqui, os camponeses se identificam com os guerreiros de Carlos Magno pela sua bravura e coragem. O poeta, no momento da adaptação da história europeia para o folheto, dá prioridade aos valores e trechos da obra que garantirão a venda dos versos na praça.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; ZINA, Heloíse Aparecida. Indígenas em “Romance”: re(a)apresentações do índio em folhetos de cordel adaptados da literatura erudita. In *Revista Eletrônica Falas Breves*, vol. 04. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

Eram doze cavaleiros  
Homens muitos valorosos  
Destemidos e animosos  
Entre todos os guerreiros  
Como bem fosse Oliveiros  
Um dos pares de fiança  
Que sua perseverança  
Venceu todos os infiéis  
Eram uns leões cruéis  
Os doze pares de França.

Todos eram conhecidos  
Pelos leões da igreja  
Pois nunca foram à peleja  
Que nela fossem vencidos  
Eram por turcos temidos  
Pela igreja estimados  
Porque quando estavam armados  
Suas espadas luziam  
E os inimigos diziam:  
“Esses são endiabrados”. (BARROS, 1909, p. 1).

Quando a *História de Roberto do Diabo* foi adaptada para o cordel, pelo poeta João Martins de Ataíde, com o título homônimo, optou-se pela valorização dos mesmos dogmas presentes na narrativa europeia original, como os fundamentos católicos da revelação, arrependimento, confissão, penitência, conversão, caridade e perdão, valores que dialogam certamente com a comunidade nordestina, católica e conservadora nos costumes. Depois de ter cometido inúmeros crimes, Roberto da Normandia se arrepende e confessa seus pecados:

Roberto disse chorando:  
\_ Oh, bom Deus de piedade!  
Salvaste a um ente imundo  
Autor da perversidade  
Por tão pequeno trabalho  
Nas obras da caridade.

De todo gênero humano  
Fui eu o ente mais ruim  
Considerarei-me perdido  
Para séculos sem fim  
Sigo vossos mandamentos  
Pra que vos lembreis de mim! (ATAÍDE, 1941, p. 32).

No desfecho da trama impera a figura do monarca generoso convertido ao Catolicismo, cujo reino é de bonança, justiça e equidade, algo com que sonha uma comunidade vivendo à mercê das adversidades climáticas, das injustiças sociais e da indiferença dos políticos e autoridades locais, como a nordestina:

Roberto ficou em Roma  
 Feito império da nação  
 Era muito generoso  
 Amava a religião  
 Governou com paciência  
 Pela constituição. (ATAÍDE, 1941, p.33).

Quando se trata de adaptar romances da literatura brasileira para o cordel, o procedimento parecer ser o mesmo, e poetas como Francisco das Chagas Batista, ao recriar em versos *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, focaliza aqueles gestos e virtudes da protagonista que possam servir de exemplo às mulheres de sua comunidade. Ao descrever Isaura, o poeta de cordel a aproxima das fadas e princesas das histórias de encantamento, tão familiares ao leitor desse tipo de literatura, no entanto, o que salta aos olhos é a persistência nas habilidades domésticas e na castidade feminina em todos os poetas de cordel que se propuseram a recontar a história de heroínas universais:

Isaura enquanto criança  
 Era um anjo de pureza  
 Parece que pra formá-la  
 Esmerou-se a natureza  
 Querendo dar, só a ela,  
 De Vênus toda a beleza.

Isaura aos quinze anos  
 Sabia ler e escrever,  
 Tocar piano, dançar,  
 Cortar, bordar e coser,  
 Então serviços domésticos  
 Todos sabia fazer.  
 [...]  
 A encantadora Isaura  
 Era privilegiada  
 Talvez, se o leitor a visse  
 Julgasse ser uma fada,  
 Um anjo, ou uma estátua,  
 Por mão de Deus modelada. (BATISTA, s. d., p. 2-4).

No texto de Bernardo Guimarães são os encantos e dotes de Malvina que introduzem a trama, enquanto que as qualidades e virtudes de Isaura vão aparecendo esparsamente. No folheto de Francisco das Chagas Batista é Isaura quem introduz a trama e todos os encantos e dotes de Malvina são endereçados à jovem escrava, isso porque, para o leitor do cordel, interessa apenas a trajetória da heroína e do vilão. As descrições demoradas de ambientes, as complicações psicológicas e as personagens secundárias ficam fora da narrativa ou em segundo plano.

Para todas essas narrativas em cordel havia um público leitor/ouvinte cujo horizonte de expectativa vinha sendo plasmado desde a época das cantorias e repentes, quando as histórias do romancista ibérico eram contadas e cantadas com o auxílio da viola, antes mesmo de o primeiro folheto de cordel ter sido impresso no Nordeste nas prensas de Leandro Gomes de Barros no início do século XX. Mas, quando se trata de adaptar obras da literatura erudita para a literatura de folhetos, sobretudo romances indianistas, qual o procedimento adotado pelos poetas? Que elementos humanos, culturais e históricos o poeta tem à sua disposição quando se vê diante da tarefa de recriar um romance como *Ubirajara*, por exemplo? Onde se encontra a comunidade de sentido, se Câmara Cascudo afirmou que, ao transformar o livro da cidade, do autor letrado em romance, o poeta popular o faz destinando-o a um certo ambiente social?

A suposta ausência de uma comunidade de sentido, ou seja, de uma comunidade indígena que se reconheça nas histórias recriadas em folhetos, nos leva à hipótese de que faltavam aos poetas dados reais que os ajudassem a inserir em suas recriações referências tangíveis relativamente à presença indígena no Nordeste. Estariam extintos os indígenas nordestinos, no início do século XX? Teriam sido assimilados por outras culturas e etnias; engolfados nas crescentes periferias das cidades nordestinas? Ou relegados à marginalidade, ignorados pela comunidade “branca” e mestiça, como aponta Darcy Ribeiro?

No folheto *Branca de Neve e o Soldado Guerreiro*, de Leandro Gomes de Barros, o índio aparece como um ser sobrenatural, encantado, como são hoje os índios encantados da Umbanda: “Aquele índio Guerreiro/ Que veio do centro da serra/ Antes de ser encantado/ Era um grande desta terra/ Foi secretário do rei/ Depois ministro da guerra” (BARROS, 1917-1918, p. 30). O folheto foi escrito entre 1917-1918, e, ao que parece, a presença indígena no Nordeste já era tida como um fato distante no tempo, tendo se tornado lendário.

No folheto *O Boi Misterioso* (1910-1912), também de Leandro, o índio aparece assimilado à cultura do boi e das fazendas, desempenhando a função de vaqueiro e empregado na propriedade do coronel, o qual, certamente, dera moradia e ocupação à sua família. Toda a trama envolvendo a pega do boi indomável ocorre, segundo o poeta, “[...] em mil e oitocentos/ E vinte e cinco [...]/ Uma época em que o povo/ Só conhecia o atraso;/ Quando a ciência existia,/ Porém trancada num vaso” (BARROS, 1910-1912, p. 4). O folheto menciona um “índio velho vaqueiro/ Da fazenda do Desterro” e na narrativa, situada no primeiro quartel do século XIX, ele não luta mais com o colonizador, mas o serve. Sua luta agora é com o boi, seu ganha-pão cotidiano: “Partiu em cima do boi,/ Andou perto de pegá-lo,/ Com dezoito ou vinte passos/ Talvez pudesse alcançá-lo:/ Era sem limite o gosto/ Que tinha de derrubá-lo”. (BARROS, 1910-1912, p. 9).

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; ZINA, Heloíse Aparecida. Indígenas em “Romance”: re(a)apresentações do índio em folhetos de cordel adaptados da literatura erudita. In Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 04. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

Afora esses arroubos de bravura e heroísmo, raríssimos na literatura de cordel, o índio aparece esporadicamente como um ser encantado, como uma realidade distante no tempo e no espaço. As raras vezes em que seus feitos e façanhas são colocados em cena parecem ter sido emprestadas do imaginário popular ou da tradição escrita erudita, remetendo à bravura dos cavaleiros medievais, do cangaceiro ou do valente.

Antes que os meios de comunicação invadissem os lares nordestinos, por volta dos anos de 1960, e começasse a divulgar alguns episódios representativos de parte da real situação vivida pelo índio brasileiro, a imagem que permaneceu praticamente inalterada por longas décadas no imaginário popular foi a do índio guerreiro, forte e destemido, algo semelhante à figura do cavaleiro medieval cultivado pelo Romantismo europeu. “Medieval” pelo fato de os poetas populares nordestinos descreverem seus heróis calcados no modelo de guerreiro presente na *Canção de Rolando*, nas gestas carolíngias, tão apreciadas pelos cantadores e poetas de cordel entre o final do século XIX e início do XX. Até mesmo cangaceiros como Antônio Silvino e Lampião foram revestidos da couraça daqueles heróis lendários. No folheto *Cancioneiro de Lampião*, por exemplo, o poeta Nertan Macedo diz ter buscado inspiração nos Doze Pares de França, associando a invulnerabilidade e a valentia do cangaceiro à sanha dos paladinos:

Nos Doze Pares de França  
Fui buscar inspiração,  
O imperador Carlos Magno  
Houvera de ter paixão.  
Valente como Olivério,  
Brigava como Roldão... (MACEDO, 1959, p. 4).

Quanto às representações do índio na literatura de cordel, num primeiro momento ele apresenta-se como um decalque do nativo idealizado por José de Alencar e Gonçalves Dias. Alguns romances indianistas de Alencar chegam inclusive a ser adaptados para a versão em folheto, como *Iracema* e *Ubirajara*. *Iracema: A Virgem dos Lábios de Mel*, é uma adaptação feita por João Martins de Ataíde em que se reproduz a ideia do colonizador civilizado e do nativo selvagem:

Em mil seiscientos e seis  
Partiu uma expedição  
Seu chefe, um fidalgo luso  
Entrando pelo sertão  
Viera da Paraíba  
Bem perto de Muritiba  
Fundou uma povoação.

Martins Soares Moreno  
Tomou parte na viagem  
Era um moço português

Homem de muita coragem  
Logo que chegou ali  
Fez-se amigo de Poty  
O grande chefe selvagem. (ATAÍDE, 2005, p. 16).

Embora a idealização do índio cultivada pelo romance indianista passe a ser fomentada pela poesia popular, ajudando a consolidar no inconsciente coletivo o consenso de que nos primórdios da Colonização estabeleceu-se um “consórcio” entre nativos e europeus, mediado pela troca de presentes e modelos civilizados de conduta, pressupõe-se que no âmbito da Literatura de Cordel a imitação do modelo romântico se dê, sobretudo, pela falta de referências que auxiliem o poeta na construção de uma imagem do elemento indígena condizente com a realidade – algo que pretendemos comprovar consultando os estudos mais recentes sobre as comunidades indígenas nordestinas. Entre o final do Império e o início da República as populações indígenas da Zona da Mata já tinham sido praticamente dizimadas ou dispersadas, e suas terras invadidas pelo cultivo da cana-de-açúcar. Primeiramente vieram os banguês, depois as usinas de açúcar sustentadas pelo capital estrangeiro, sobretudo inglês, paralelamente à aquisição de terras para o avanço da ferrovia.

Se por um lado o índio é idealizado no cordel, à maneira do Romantismo, por outro, essa idealização não é de todo gratuita e tem algumas implicações que não podem ser ignoradas. Isto posto, defendemos a ideia de que a ideologia que eleva o elemento indígena à categoria de herói, na poesia popular, não coincide integralmente com aquela que se encontra na base do projeto romântico. A axiologia que enaltece a figura do índio na poesia popular, embora se distancie da realidade, parece ser a mesma que reveste Antônio Silvino da coragem e da bravura dos paladinos de França; que elege a herói personagens astutos como João Grilo e Cancão de Fogo, autores de memoráveis desforras contra padres e coronéis.

A leitura do folheto *História da Índia Nocy*, escrita por Leandro Gomes de Barros no início do século XX, apesar dos clichês emprestados do romance indianista, leva-nos a concluir que os poetas populares elegem para si, enquanto porta-vozes de sua comunidade, heróis capazes de subverter não só a ordem política e social vigente, mas, sobretudo, de representá-los na luta ordinária contra as adversidades climáticas, contra o elemento estrangeiro e contra o coronel, ambos, naquele momento da história, detentores do capital e dos meios de produção. O que é possível perceber, tanto nos folhetos adaptados do romance indianista como nos que se inspiraram neste, é que os poetas priorizam trechos da obra original em que o índio trava constantes batalhas com o colonizador português, geralmente vencendo-o após épicas batalhas, como neste trecho da *História da Índia Nocy* em que Nocy e Jupy travam uma luta titânica com os soldados do rei destinados a dizimar sua tribo:

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; ZINA, Heloíse Aparecida. Indígenas em “Romance”: re(a)presentações do índio em folhetos de cordel adaptados da literatura erudita. In Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 04. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

Nisso chegou uma força  
 E todos foram cercados  
 Neco lutou na investida  
 Com vinte e cinco soldados  
 Se via naquela luta  
 Sangue por todos os lados.

Jupy se fez no cacete  
 Não escutou mais razões  
 E gritou aos inimigos:  
 - Eu brigo com dez nações  
 Não me troco por dez brancos  
 No valor e nas ações. (BARROS, 2007, p. 21).

Talvez pelos motivos apresentados anteriormente, os poetas de cordel procurem enfatizar o contexto de luta, porque inconscientemente, é esse desejo de retaliação pela força que move homens e mulheres constantemente submetidos às sanções impostas pelas autoridades no poder, endividados no empório do português e mal remunerados após longas horas de trabalho no corte da cana e no plantio da mandioca, como revela ironicamente o próprio Leandro em *Os homens da mandioca*, indignado com o português da venda:

No tempo passado  
 O freguês chegava  
 Muito interessado,  
 O português de um lado  
 Muito satisfeito,  
 Dizia com jeito:  
*Benha se sentare*  
*Querendo mamare*  
*Está aqui o peito.*

Hoje em dia, nem se preocupam  
 Botarem nada nas amostras,  
 O freguês fala com eles  
 Eles respondem de costas  
 Que o freguês reina em pegá-lo[s]  
 Cortá-lo[s] em pequenas postas. (BARROS, 1915, p. 5, grifos do autor).

Na *História da Índia Neco*, ao lado de uma idealização extrema coexiste a ideia do índio ajustado à cultura do colonizador, levando-nos a entender que a tão difundida “mistura” étnica e cultural gera nativos civilizados e já com traços físicos do colonizador:

O governo português  
 A fim de colonizar  
 Mandava governadores  
 Aos índios domesticar  
 Dizendo: - Uma tribo ou outra  
 Pode se civilizar.  
 [...]

Tanto que diversos índios  
 Já falavam português  
 O chefe do índio era  
 Um índio muito cortês  
 Já cultivavam a terra  
 E observavam as leis.

Davam ao governador  
 A fim de serem agradáveis  
 Diversos peixes e caças  
 Objetos apreciáveis  
 Redes tecidas por eles  
 Depenas de certas aves.

Então o governador  
 Também os gratificava  
 Dava roupas para a tribo  
 E os ferros que precisava  
 A tribo também por si  
 Daquilo não se abusava.

[...]  
 Jupy era um índio moço  
 Com vinte anos de idade  
 Parecia um português  
 Em feições e qualidade  
 Era um desses que sozinho  
 Defende qualquer cidade.

Tinha a cor bem alva e fina  
 O seu nome era Jupy  
 E uma linda índia prima dele  
 Que se chamava Necy  
 Onde coragem e firmeza  
 Só chegava até ali. (BARROS, 2007, p. 1-2).

Até mesmo nos poemas adaptados diretamente dos romances indianistas, embora se repitam alguns clichês românticos, o poeta privilegia as cenas em que os índios travam batalhas com o colonizador, e quando essas batalhas travadas no original erudito não acontecem a contento dos poetas de cordel, eles imaginam cenários de lutas em que o índio geralmente vence a batalha à maneira dos paladinos de França ou dos valentes do sertão. O fato é que isso ocorre também em adaptações mais recentes, como na realizada pelo poeta cearense Klévisson Viana, finalista do Prêmio Jabuti de 2015 com a narrativa em verso *O Guarani em cordel*, adaptada do romance de José de Alencar. Nesta recriação, o poeta toma de empréstimo tanto clichês do romance indianista como do romanceiro popular: “Reescrevendo em cordel/ Um clássico do Romantismo,/ Recheado de aventura,/ Coragem, força, heroísmo,/ Amor, nobreza e ação,/ Natureza e exotismo.” (VIANA, 2014, p. 7).

Nesta adaptação corrobora-se a ideia de que o índio só é considerado dócil quando aliado à causa do colonizador, ou quando já assimilou sua conduta civilizada e “cortês”: “Peri, com delicadeza,/ Pôde se aproximar/ De Cecília e disse assim:/ - Não deixo Ceci chorar,/ Pois o que Ceci deseja,/ Peri logo vai buscar! [...] Peri percorre o jardim/ E escolhe a flor mais bela./ Chega perto de Cecília,/ Numa atitude singela,/ Bota a flor, ornamentando/ Os cabelos da donzela.” (VIANA, 2014, p. 44-47). Diante do perigo e no contexto da luta, a habilidade guerreira e invulnerabilidade de Peri assemelham-se à do cavaleiro medieval, cantadas e contadas em versos no Nordeste:

Cecília gritou: \_ Peri  
Volte aqui, não vá lá não!  
Disse o índio: \_ Peri vai,  
Desobedece em razão  
Tua fala para ouvir  
A voz do teu coração.

Somente o silvo das cobras  
Mais venenosas do mundo  
Era o que se escutava  
Naquele lugar imundo,  
Onde os répteis venenosos  
Rastejavam lá no fundo.

Os seres mais peçonhentos  
E terríveis animais,  
Escorpiões e lacraus  
Pra Peri eram normais,  
Não temia coisa alguma  
Dessas selvas abissais. (VIANA, 2014, p. 45).

[...]  
Peri na luta brigava  
Por um batalhão inteiro.  
Cada flecha de Peri  
Achava um alvo certo [...] (VIANA, 2014, p. 77).

### Considerações finais

Para além das ilustrações até aqui apresentadas, concluímos que, por um lado, ao construir uma imagem idealizada do índio, inserindo-o em um contexto de luta e com paradigmas emprestados ora do romance indianista ora do romanceiro popular, os poetas populares elaboram também a imagem de heróis que, ao lado de tantos outros, no plano utópico, representam o desejo de desforra contra o poder instituído e as adversidades do cotidiano. E, por outro, ao idealizar o índio e sua condição, acabam por camuflar ou ignorar a verdadeira situação vivida pelas comunidades indígenas no Nordeste brasileiro.

## Referências

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: ALB/Mercado de Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Então se forma a história bonita”: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, vol. 10, n. 22, jul/ago, 2004, p. 199-218.
- \_\_\_\_\_. “Verso simples e rudes produzidos pela cultura popular’: a beleza e o sentido estético em culturas outras”. In: \_\_\_\_\_. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2006, p. 59-80.
- ALENCAR, José de. *O guarani, Iracema, Ubirajara*. Romances Ilustrados de José de Alencar. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, v.1, (I. Formação da Nacionalidade – A. Aborígenes).
- ALMEIDA, Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Kreen-akarore. In: \_\_\_\_\_. *Discurso de Primavera e algumas sombras*. Posfácio de Sérgio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 19.
- ATAÍDE, João Martins de. *Iracema: a virgem dos lábios de mel*. Fortaleza, CE: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/Universidade Regional do Cariri, 2005.
- \_\_\_\_\_. *História de Roberto do Diabo*. Recife: s. n., 1941.
- BARROS, Leandro Gomes de. *História da índia*. Recife: Tip. Moderna, s. d.
- \_\_\_\_\_. *História da índia Neci*. São Paulo: Prelúdio, s. d.
- \_\_\_\_\_. *História da índia Necy*. Fortaleza, CE: Tupynanquim/ABC, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*. Recife: s. n., 1909.
- \_\_\_\_\_. *Branca de Neve e o Soldado Guerreiro*. Afogados (Recife): s. n., 1917-1918.
- \_\_\_\_\_. *O Boi Misterioso*. Recife: Tip. do Jornal do Recife, 1910-1912.
- \_\_\_\_\_. *Os homens da mandioca*. Paraíba: Tip. da Popular Editora, 1915.
- BATISTA, Francisco das Chagas. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Gráf. E Ed. “GED”, s. d.
- BOSI, Alfredo. “Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar”. In: \_\_\_\_\_. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. Recife: MEC/INEP, 1959.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- MARQUES, Francisco Cláudio Alves; ZINA, Heloíse Aparecida. Indígenas em “Romance”: re(a)apresentações do índio em folhetos de cordel adaptados da literatura erudita. In Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 04. Universidade Federal do Pará, *Campus Universitário do Marajó-Breves*. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

CAVIGNAC, Julie. *A Literatura de Cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. Trad. Nelson Pereira, Natal, RN: Editora da UFRN, 2006.

DANTAS, Beatriz G.; SAMPAIO, José Augusto L.; CARVALHO, Maria Rosário G. de. "Os povos indígenas do Nordeste brasileiro: um esboço histórico". In: CUNHA, Manuela Carneiro (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/Fapesp, 1992, p. 431-456.

DUDA, José Galdino da Silva. *História de Bernardo e Dona Genevra*. São Paulo: Luzeiro, 2011.

FARIAS, Ivan Soares. *Doenças, dramas e narrativas entre os Geripankó: concepções de causa e representações tradicionais sobre saúde e doença, presentes entre um grupo indígena situado na região do Nordeste brasileiro*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2004.

MACEDO, Nertan. *Cancioneiro de Lampião*. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1959.

OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). *A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

\_\_\_\_\_. *A viagem da volta. Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

PINTO, Karina Lima de Miranda. *Arqueologia e conformação de identidades das comunidades indígenas do Nordeste: um estudo de caso dos Xucuru-Kariri*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe. Aracaju/SE, 2013.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. 3. ed. Rio de Janeiro: Plurarte, 1982.

RESENDE, José Camelo de Melo. *O índio Leão*. Campina Grande: A Estrela da Poesia, 1958.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

SILVA, Edson. "Povos indígenas no sertão: história de esbulho das terras, conflitos e de mobilização por seus direitos". *Revista Opara*, n. 1, 2011, p. 160-177.

SILVA, Severino Milanês da. *O guerreiro Ubirajara e a batalha do índio Pojucan*. Juazeiro do Norte: Proprietárias Filhas de José Bernardo da Silva, 20/07/76.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. *Desenvolvimento e associativismo indígena no Nordeste: mobilizações e negociações na configuração de uma sociedade plural*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, 2003.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; ZINA, Heloíse Aparecida. Indígenas em "Romance": re(a)presentações do índio em folhetos de cordel adaptados da literatura erudita. In *Revista Eletrônica Falas Breves*, vol. 04. Universidade Federal do Pará, *Campus Universitário do Marajó-Breves*. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

VIANA, Klévisson. *O Guarani em cordel*. Baseado na obra de José Alencar. Barueri, SP: Amarilys, 2014.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz na 'literatura' medieval*. Trad. A. Pinheiro e J. P. Ferreira, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Falas Breves

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; ZINA, Heloise Aparecida. Indígenas em “Romance”: re(a)presentações do índio em folhetos de cordel adaptados da literatura erudita. In Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 04. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069